

AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE O USO DAS VARIÇÕES LINGUÍSTICAS E A PRÁTICA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Silvio Nunes da Silva Júnior⁽¹⁾

⁽¹⁾ Graduando em Letras; Universidade Estadual de Alagoas.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre as concepções de professores do ensino fundamental sobre o uso das variações linguísticas e a prática do preconceito linguístico em sala de aula, a pesquisa foi realizada em uma escola de esfera pública municipal de Maribondo-AL. O preconceito linguístico é visto constantemente em todos os lugares, sempre vindo da parte de falantes do português padrão (PP), tendo como vítimas os falantes do português não padrão (PNP), que na maioria das vezes são pessoas sem nenhuma escolaridade ou então moradores da zona rural. O corpus da pesquisa é constituído por questionários respondidos pelos quatro professores/informantes. Foi possível constatar que as concepções dos docentes foram semelhantes uma das outras, onde os mesmos afirmam que aceitam o uso das variações, pois cada região possui suas variações e que isto nunca poderá ser mudado. Deu-se a ver que os docentes não praticam o preconceito linguístico, apenas alegam que o dever do professor no âmbito escolar, é passar para os alunos o que dita a gramática normativa, fazendo com que o ensino esteja voltado para uso da norma culta da língua. Este trabalho ancora-se em autores que atuam na perspectiva da variação linguística e áreas correlacionadas, que são eles Bagno (2013), Bagno (2007), Fiorin (2007), dentre outros.

Palavras-chave: Variação linguística, Docentes, Âmbito escolar.

Abstract: This article aims to reflect on the concepts of elementary school teachers about the use of language variations and the practice of linguistic bias in the classroom, the research was conducted in a public school in the public sphere Maribondo-AL. The linguistic prejudice is constantly seen everywhere, always come from speakers of standard Portuguese (PP), with the victims speakers of Portuguese nonstandard (PNP), which most often are people with no education or else residents the countryside. The research corpus is composed of four questionnaires answered by teachers / informants. It was found that the conceptions of teachers were similar to each other, where they say they support the use of variations, as each region has its variations and this can never be changed. Was given to see that teachers do not practice the linguistic prejudice, just claim that the duty of the teacher in the school, the students are going to the dictates of normative grammar, making the school is facing the use of nonstandard language. This work is anchored in authors who work in the perspective of linguistic variation and correlations areas that they are Bagno (2013), Bagno (2007), Fiorin (2007), among others.

Keywords: Linguistic Variation, Teachers, School Scope.

Introdução

Este trabalho descreve a experiência obtida através de uma pesquisa, a qual teve como objetivo analisar as concepções de docentes atuantes no primeiro ciclo do ensino básico, mais precisamente, nas séries iniciais do ensino fundamental em uma escola de esfera pública do município de Maribondo - AL, sobre a utilização das variações linguísticas em sala de aula, e sobre a prática do preconceito linguístico no âmbito escolar. O corpus deste trabalho foi constituído por quatro questionários, os quais foram disponibilizados aos quatro docentes contribuintes desta pesquisa, no intuito de coletar os dados expostos neste questionário

Com isso, viu-se que os docentes não se dizem contra a variação da norma-padrão da língua portuguesa, mas afirmam que o papel da escola é ensinar aos discentes a norma-padrão, não os obrigando a segui-la rigorosamente. Onde foi visto que os docentes buscam corrigir seus alunos diante do uso da variação, ou seja, os mesmos não são contra, mas buscam ensinar seus alunos o uso do português-padrão.

Nesta pesquisa, pretende-se também provocar uma autorreflexão por parte dos docentes, de como lidar com a variação linguística dentro da sala de aula, como reagir ao ver os discentes usando o português não padrão? Isto é certo ou errado? Como a prática do preconceito linguístico pode prejudicar os docentes?

Para sistematizar este estudo, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, no intuito de refletir como e por que, alguns docentes se dizem contra ao uso das variações linguísticas, e à prática do preconceito linguístico que caracteriza-se por um ato que pode prejudicar significativamente a vida do aluno no âmbito escolar, causando um constrangimento tamanho a ponto do aluno perder a motivação de continuar dedicando-se a aquisição de conhecimentos atribuídos à escola.

Neste artigo, apresento tópicos os quais buscam principalmente esclarecer cada aspecto pertinente à pesquisa, e abordando cautelosamente conceitos que devem fazer parte de um trabalho nesta perspectiva, ancorando-se em autores atuantes na área de linguística, que são eles, Bagno (2013), Bagno (2007), Fiorin (2007), dentre outros que serão citados no decorrer do trabalho.

Procedimento Metodológico

Este trabalho trata-se de uma pesquisa quantitativa, o corpus desta pesquisa é proveniente de uma escola da rede pública municipal situada no município de Maribondo - AL, o estudo foi feito em (4) questionários respondidos por docentes da respectiva escola. Onde foi possível ver que estes professores reagem normalmente ao presenciar seus alunos usando a variação linguística, no entanto, não deixa de mostra-los como se pronuncia a determinada palavra de acordo com a norma-padrão.

Durante o questionário viu-se que estes docentes não se dizem contra o uso das variações, apenas acham que a escola em si, deve ensinar aos alunos a norma-padrão da língua portuguesa.

Resultados e Discussão

A língua portuguesa, como todas as outras línguas, possuem uma norma oficial, chamada também de norma padrão, e um conjunto de variações linguísticas.

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades. aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. Sabe, por exemplo, que existem formas mais ou menos delicadas de se dirigir a alguém, falas mais cuidadas e refletidas, falas cerimoniais. Pode ser que saiba, inclusive, que certos falares são discriminados e, eventualmente, até ter vivido essa experiência. (PCN - Língua Portuguesa, 1998, p.81 e 82).

A variação linguística é o modo em que a língua se diferencia das outras de um modo sistemático e coerente, que irá variar do contexto histórico, geográfico, como também cultural. Como afirma BELINE (2007).

Em sentido bastante amplo, podemos de início pensar em diferentes línguas que existem no mundo. Falamos português no Brasil. Praticamente com qualquer região de fronteira em que estejamos em nosso país, sabemos que do outro lado falam outra língua - o espanhol. Sabemos também que dentro de nosso país ainda há indígenas que se comunicam, quando estão em suas aldeias, em suas línguas, e não em Português. Para citar um exemplo, temos uma aldeia no nordeste do Rio Grande do Sul, na região de Ijuí, chamada caingangue, mesmo nome dado à língua que falam seus habitantes. Podemos atravessar o Atlântico, ir para outros continentes, e citar um sem-número de outras línguas diferentes: o basco uma língua falada numa pequena região norte da Espanha, o galês, falado numa região do Reino Unido, o país do Galês; o Kabiye, na região norte do Togo, um país da África Ocidental; e tantas centenas de outras, até mais reconhecidas do que as citadas aqui.

Todas as línguas faladas no mundo possuem variações, seja por razões históricas, geográficas, dentre outras, as quais não podem ser consideradas "erradas", mais sim variações de uma norma padrão. As variações só poderão ser consideradas "erradas", quando vista de modo com a gramática normativa, a qual só considerada correta a norma padrão.

O domínio do português padrão, tendo em vista o uso do português não padrão (corresponde a toda e qualquer variação de uma língua falada), torna-se apenas mais "bonitas", ou "corretas".

De acordo com as concepções dos professores que colaboraram para a pesquisa, percebe-se que os mesmos não vêem problema no uso das variações linguísticas em sala de aula. Mas, afirmam que o papel da escola é ensinar perante as regras propostas pela gramática normativa.

Conclusão

No decorrer deste trabalho, foi possível perceber a grande expansão das variações linguísticas na língua portuguesa de hoje em dia, onde as variações estão ganhando seu espaço e respeito por todos os falantes, tendo em vista que pelo menos por parte dos docentes o tão falado preconceito linguístico, não está sendo praticado com frequência para com os alunos. Percebe-se que como o *corpus* foi constituído por questionários os quais coletaram as concepções dos docentes, pode-se ver que o ensino de língua portuguesa de hoje, sofreu mudanças comparando com o de alguns anos atrás, onde a prática do preconceito linguístico era mais frequente, e os casos de desistência por parte dos alunos para com a escola eram constantes, devido ao constrangimento causado pela referida prática de preconceito.

O que se deve destacar também é a antiga concepção de que o ensino de gramática normativa deveria ser princípio de ensino de língua portuguesa, deixando as variações de lado, e ensinando aos discentes apenas o uso da norma padrão, o que sempre foi de dever formal na sociedade.

Durante a análise, os docentes apresentaram certa resistência ao dizer que não se importam com o uso das variações linguísticas por parte dos alunos. Portanto, vê-se que ainda existe uma ênfase ao ensino de gramática normativa, o que dificulta a compreensão dos docentes, mais não com tanta rigidez como visto há anos atrás.

Um dos fatores os quais fazem com que alguns alunos deixem de frequentar a escola é a prática do preconceito linguístico, uma vez que os alunos começam a se achar inferior aos outros pelo fato de usar uma das inúmeras variações da língua. Faz mister destacar que na análise dos dados foi visto que os docentes entrevistados não obrigam seus alunos a serem falantes da norma padrão e entendem que o uso da variação linguística é normal em toda e qualquer língua. Vê-se que com a compreensão dos docentes em relação ao uso da variação linguística, os alunos se sentiram mais seguros em falar em sala de aula, o que irá resultar num bom aproveitamento em sala de aula.

De certa forma que os docentes atuais, estão cada vez mais compreensíveis e vulneráveis a aceitar o uso da variação linguística nas salas de aulas as quais atuam como regentes, uma vez que falamos, a fala deve possuir sentido completo, independentemente do uso do português padrão ou do português não padrão, por este motivo que não deveria existir o preconceito. Fica de forma clara e evidente que o uso das variações deve ser respeitado tão quanto o uso do português padrão, precisa-se então que exista este entendimento por parte dos docentes. Para que, com isso, dê-se um ponto final no preconceito linguístico, não só em sala de aula, mas na vida social e profissional do falante.

Referências

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução a linguística**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 121.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. - **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Referências

CORTELAZZO, Iolanda Bueno Camargo; ROMANOWSKI, *Joana* Paulin; RIBEIRO, Rosana Zanoni Mascarenhas. **Cursos de graduação à distância: inclusão e qualidade.** In: 13º CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2007, Curitiba. Disponível em: <<http://obed.org.br/congresso2007/tc/82200724656PM.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Para entender a relação escola-família:** uma contribuição da história da educação. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 44-50, 2000.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.) **Gestão Democrática da Educação:** atuais tendências, novos desafios. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 de dez. 1996.

LUCK, Heloísa. **A escola participativa:** o trabalho do gestor escolar. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

MARQUES, Juracy Cunegatto. **Proposta básica para gestão 81-84.** Porto Alegre. Educação e Realidade 6(1): 109-20 jan. / abr, 1981.

MARQUES, Juracy Cunegatto. **Administração Participativa:** Poder, Conflito e Mudança na Escola. Porto Alegre, Sagra, 1987.

PARO Vitor Henrique. **Administração Escolar:** introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2002.

VEIGA, Lima Passos Alencastro (org.) **Projeto Político-Pedagógico:** Uma construção possível. 12. Ed. Campinas, SP: Papyrus 1995.

_____. Revista Gestão em Rede. **Escola, Comunidade e Família no Brasil um novo desafio para Gestão e Liderança.** Brasília: CONSED - Conselho Nacional de Secretários de Educação, nº 71, agosto. 2006.